

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Nível Mestrado

Disciplina Seminário de Dissertação

Professora Marlene de Souza Dozol

Aluna Lara Beatriz Fuck

A possibilidade de compreender “O Coruja” de Aluisio de Azevedo do ponto de vista de formação.

Florianópolis, dezembro de 2008.

A possibilidade de compreender “O Coruja” do ponto de vista de formação.

“O Coruja” foi o oitavo romance-folheiras de Aluisio de Azevedo. Inicialmente o autor o publicou em capítulos diários, no rodapé de “O País”; depois os reuniu no livro em 1890. (AZEVEDO, p. 15, O Coruja)

Esta obra, embora não se constitua como um romance de formação, com os elementos e fins próprios que o caracterizariam; pode ser explorada na perspectiva da formação. Nesta perspectiva, através da leitura objetivaremos explorar a formação do personagem “Coruja” dentro de um período sócio-histórico de transição no Brasil do Império para a República; como Aluisio de Azevedo situou a formação de Coruja e seu amigo Teobaldo dentro deste contexto. Para, Angela Maria Rubel Fanini (2003) doutora em Literatura, pela UFSC, cuja tese defendida sobre Os romances-folhetins de Aluísio Azevedo: aventuras periféricas, “A obra de Aluísio de Azevedo se insere em uma orientação interessada e empenhada da literatura brasileira e é nesse sentido que permite que as relações entre literatura e sociedade possam ser rastreadas.”

Nesta perspectiva que poderemos situar como os principais personagens criados por Azevedo, Coruja e Teobaldo, são submetidos no colégio interno à educação no período de transição entre o Império e a República. No interior da escola, bem como aos cuidados do Padre, Coruja é encaminhado em sua educação conforme a pedagogia clerical que preponderava no período imperial. Em contradição a esta educação formal, Coruja encontra espaços para uma formação aos moldes mais republicanos: na relação com a música, com a leitura e as letras, bem como, com a natureza. Relações de ensino-aprendizagem mediadas por personagens “marginais” ao ensino formal. Um desses personagens marginais, é o Caixa d’Óculos, criado da escola, que abre espaço para o Coruja para sua relação com os livros, quando conquista o espaço da biblioteca, outra relação se estabelece também com a família Albuquerque. Assim, situaremos como na formação de Coruja, preponderou a educação republicana e os desdobramentos para a constituição de sua personalidade.

Nesse processo de formação, Coruja estabelece relação de mediação fundamental com Teobaldo, de início no colégio interno, avançando ao longo de suas vidas. Através de Teobaldo, relaciona-se com a família deste. Transitando entre a educação realizada pelo Padre, depois no colégio interno, em seguida o convívio no interior da família de Teobaldo, observa-se as características daquele contexto sócio-histórico dentro do qual ocorre a formação de Coruja. Objetivaremos como Aluísio de Azevedo contextualiza a formação dos personagens num espaço de contradição entre uma pedagogia clerical estabelecida e de outro, uma pedagogia que se insinua e necessária para a formação de um homem republicano. Tratam-se então de constituição de sujeitos ou personalidades distintas, que se objetivam nos personagens Teobaldo e Coruja. Colocaremos em relevo, como Coruja encaminhou-se na direção da constituição de um sujeito republicano, enquanto Teobaldo num sujeito aos moldes imperialistas.

Para refletir sobre esses aspectos neste romance, faremos uso do método progressivo-regressivo, proposto por Jean Paul Sartre em “Questão de Método”, ou seja, analisar o singular do Coruja, ir ao Universal do contexto sócio-histórico em que estava inserido, e assim com Teobaldo. Situaremos como o próprio autor Aluisio de Azevedo se fez no personagem Coruja. O próprio Aluisio de Azevedo se fez Aluisio de Azevedo

nesse contexto sócio-histórico de transição, numa posição crítica em relação ao Império e ao clérigo.

A geração realista de intelectuais produz em um momento histórico bastante rico e complexo da história brasileira. Esses intelectuais, em sua maioria, posicionavam-se contra o Segundo Império, criticando as políticas públicas do Imperador D. Pedro II por intermédio de romances, contos, crônicas, caricaturas, teatro etc. Boa parte dessa intelectualidade era abolicionista, republicana e positivista e, por isso, não gozavam da proteção do mecenato palaciano exercido pelo Imperador. Os escritores realistas, desprovidos de uma política pública de apoio à sua produção intelectual, lutavam para se inserir no circuito cultural, publicando em jornais e periódicos, contribuindo desse modo, para estabelecer relações de mercado no universo cultural.” (FANINI, 2003, p. 2)

Através de um personagem fictício, Aluisio de Azevedo se fez ver. Sabidamente Aluisio de Azevedo era republicano, divergia dos padres e da educação clerical. Aluisio de Azevedo “...acobertou-se sob pseudônimos (...) para atacar os padres, numa irreverência descabida(...)” (p. 11, *O Coruja*). A posição de Aluisio de Azevedo pode fazer-se reconhecer no personagem Coruja, em suas qualidades e atitudes.

Para refletir sobre as relações entre esses elementos, utilizaremos como categorias: mediação, socialização, sociologização, reciprocidade, projeto e desejo de ser, episódio, atmosfera humana, clima antropológico, contexto sócio-antropológico.

A Educação de “Coruja”

O que marca o início do romance “*O Coruja*”, é o falecimento da mãe de André, o Coruja, aos seus quatro anos, com seu pai, procurador Miranda, já falecido. Este acontecimento desdobra na adoção de André, pelo padre da cidade. Este ato rendeu ao padre “louvores” de seus párocos e superiores. E ao menino a expectativa de quem teria os melhores de um futuro. Porém, o que contou para a comunidade foi o gesto do padre e não a situação do menino que acabou, pelas palavras de Aluisio de Azevedo, posto “*na situação de sobras de um espólio*”.

Através desta passagem, pode-se observar que montaram um teatro onde o que contou efetivamente foi o gesto do padre e não o menino propriamente. O menino, por seu lado, reagiu ao modo como foi adotado: em que contava e era valorizado o padre e seu ato de “generosidade”. André não encontrou mediação alguma, tudo lhe era posto desde fora, e com isso ele se tornou calado, reservado.

Desde o começo é visível que André não suportava a prepotência pedagógica educacional paroquial a que é logo atirado pela adoção por parte do padre. O padre tentava ensiná-lo, numa atitude de prepotência, entrando em acessos de ira, atitudes similares ao longo do romance jamais suportada por Coruja:

Quando o padre ia lhe ensinar: apresentava dificuldade em aprender as coisas mais simples. O padre recorria aos berros, vermelho, com os olhos congestionados, a respiração convulsa, acabava sempre empurrando os livros e o discípulo, que iam simultaneamente rolar a dois ou três passos de distancia. (AZEVEDO, p 23, *O Coruja*)

A criada do padre se dirigia com palavras e ações duras: o menino, não manifestava o maior gesto de oposição ou de contrariedade. André só respondia por monossílabos, no mais das vezes incompreensíveis. Nunca fazia a ninguém interrogação de espécie alguma. Certo dia perguntando-lhe o padre se ele o estimava, o menino sacudiu com a cabeça, negativamente, sem vacilar perante as exigências do Padre como

seu tutor e protetor. Entretanto, à noite, o padre ficou muito admirado, quando, ao entrar no quarto do órfão que dormia, o viu agitar-se na cama e dizer, abraçando-se aos travesseiros e chorando: "Mamãe! minha querida mamãe!" (AZEVEDO, p.24, O Coruja)

Essa passagem objetiva um menino seguro: não vacilou em dizer que não gostava do padre, mesmo sob toda a prepotência a que estava submetido não sucumbiu em dizer "sim". Tal atitude exige uma personalidade estruturada com segurança de ser. Poderia se alegar que Coruja era desprovido de sentimentos, mas na mesma passagem, o próprio padre o encontra chorando a ausência da mãe. Mais um elemento para confirmar que não encontramos um menino com um distúrbio de personalidade. Mas indicativos de que ele até a morte de sua mãe, teria tido uma educação que o levou a estruturação de personalidade com limites por dentro e por fora, com segurança de ser inconteste: quem ousaria dizer que não gosta do padre? Ainda mais se está sob sua curatela? No contexto em que ainda preponderava o poder clerical? Não se insinua Aluisio de Azevedo nessa posição firme contra o clérigo?

A personalidade de Coruja assim estruturada era desdobramento de uma educação contrária ao que o padre o estava submetendo, educação que vinha de sua família de origem, que lhe viabilizou condição de ser um menino com limites de ser por dentro, que não se curvava a exigências desde fora, e não suportava a prepotência. Em episódios no colégio interno essa situação fica bastante expressa quando ele sempre se coloca em defesa daquele que está submetido à prepotência do outro: trata-se então de um traço de personalidade de André, constante ao longo de sua vida, e desenvolvido antes de chegar a casa do padre. Também essa posição firme e segura contra a prepotência se objetiva como qualidade do próprio Aluisio de Azevedo através de sua bibliografia, bem como, através de suas obras, que evidenciam a denúncia contra o poder imperial e clerical.

Encontramos como em Aluisio de Azevedo esta posição firme e inconteste contra a prepotência clerical, também no Coruja, uma estrutura de personalidade, que não suporta qualquer ato de prepotência, os quais se percebem em diversos episódios ao longo do livro. Por desdobramento, vieram os desentendimentos ou impasses, do Coruja com o padre, com a comunidade, posteriormente com o diretor do colégio interno e todos que se colocavam nessa perspectiva pedagógica prepotente.

A estrutura de personalidade do Coruja indica que ele já tinha com a sua família de origem um sociológico: fica expresso quando ele chora pela ausência da mãe, e ainda mais quando conhece a família Albuquerque; quando entra na biblioteca, atraído pelos livros, e o diretor lhe concede espaço para arrumar a biblioteca, é uma verdadeira conquista! Também quando ele vai aprender a tocar flauta, e muito mais expressamente pela amizade com Teobaldo: todas essas relações que ele buscou ou desenvolveu fazem contraste com a relação ao padre, às beatas da comunidade, e os outros meninos do colégio. De sorte, que se demarcam dois perfis do Coruja: um sociável – na família, na Biblioteca, que é o Coruja amigo companheiro, solidário, em reciprocidade nessas relações, e no contraste com isso, o Coruja aparece no perfil desse menino fechado, calado, feio, inafetável, que não chora e nem ri. Sem se opor ou concordar. Isto é, inafetável aparentemente, fica visível desde o começo que o Coruja não suporta a prepotência pedagógica educacional paroquial por parte do padre; e é atraído para aqueles espaços de relações de reciprocidade.

De um lado, André era envolvido em episódios nos quais era evidente a prepotência, o autoritarismo, e qualquer ausência de reciprocidade: atmosferas dentro

das quais ele se objetivava o menino fechado, calado, inafetável: quando o padre o encaminhou para um colégio interno, aos dez anos, o diretor que esperava por ele, reclamou por interná-lo pela metade do valor da pensão devido à intervenção do padre. Deixara-o esquecido numa sala, e quando o menino se fez lembrar pelos sons que produzia por ter adormecido, foi levado ao refeitório onde comeu vorazmente. Todos os colegas gargalharam, e entre as gargalhadas dos colegas e os gritos do diretor, ele continuou a comer, indiferente. Depois desse episódio seguiram-se tanto outros de zombaria, nos quais André procedeu sempre àquela maneira. Num destes episódios, um dos colegas, o qual exercia certa superioridade sobre a turma, quando o viu passar, junto aos seus subordinados gritaram: “Coruja”. Contudo, André não reagiu. O outro menino, vendo que não conseguira nada, correu atrás de André e o atingiu com um pontapé por de trás. Coruja voltou-se e arremeteu com tal fúria contra o agressor, que o lançou por terra. O outro pretendeu reagir, mas André o segurou entre as pernas e os braços, tirando-lhe toda a ação do corpo. Isto lhe custou, ficar de castigo em um quarto escuro e pequeno, no qual teve que passar nesse dia todos os intervalos das aulas. Perante o castigo e as acusações dos companheiros, não protestou e, em liberdade, não mostrou por pessoa alguma o mais ligeiro ressentimento. De outra parte, os colegas olhavam com certo respeito, e só pelas costas o ridicularizavam. Ou na hora das refeições, quando André comia vorazmente. Ele mantinha-se indiferente.

Nesses episódios, armavam-se atmosferas de prepotência, autoritarismo. O clima antropológico em que o autor colocou Coruja na situação do colégio repetia o mesmo contexto sócio-antropológico que ele dispunha na casa do padre e frente à comunidade: “*na situação de sobras de um espólio*”. Assim fora recebido pelo diretor da escola, bem como pelos colegas do colégio, que estavam sendo formados dentro daquela pedagogia.

Nessas situações, percebe-se a constante de personalidade estruturada de André: constatam-se relações psicologicamente do mesmo tipo nos dois contextos, destacando-se apenas detalhes materiais, que não mudam os perfis psicológicos, ou a personalidade do garoto. Podemos trocar a atitude prepotente do padre, da criada do padre, pela atitude prepotente do diretor e dos colegas do colégio, e a mesma reação do menino, sempre reservado, calado, sem deixar-se curvar perante a truculência já lá do padre, como também de seus colegas do colégio.

Assim vai ficando evidente que o propósito do autor ao fundo é mostrar a inconveniência de uma pedagogia clerical, imperial, prepotente e truculenta. E ao mesmo tempo, faz contrastar os resultados positivos de uma educação sociologizante, que fica tácita como sendo aquela que Coruja teve antes do falecimento de sua mãe e através da qual ele se faz mediar no colégio interno, pelo Caixa d’Óculos, por exemplo, e posteriormente através da família Albuquerque.

Vindo as primeiras férias, ficou na escola, na companhia do criado e do hortelão. Pediu licença ao diretor para tomar parte no serviço da horta e obteve-a prontamente. Ele queria exatamente a relação pelo fazer e com o hortelão. Coruja estava escolhendo com quem se relacionar. Com prazer fazia esse trabalho todas às manhãs. Às horas entre o almoço e o jantar dedicou-as aos seus estudos. Às quatro da tarde descia de novo à chácara, onde encontrava invariavelmente o criado, Caixa-d’Óculos, às voltas com uma pobre flauta, da qual soprava as músicas de seu tempo. Isso acordou no coração de André o gosto pela música. Caixa-d’Óculos arranhou outro instrumento e propôs-lhe ministrar algumas lições. “*Ele aceitou com um reconhecimento digno de tão boa vontade, mas sem dúvida de melhor mestre.*” (AZEVEDO, p 33, *O Coruja*) Nesta situação, podemos identificar relações de reciprocidade, Coruja agia com

espontaneidade e satisfação. Espaços estes contrários àqueles formais em que preponderava a prepotência e a truculência.

Nesses episódios, com o Caixa d'Óculos, passava as últimas horas da tarde, a duelar furiosamente com as notas mais temíveis que um instrumento de sopro pode dardejear contra a paciência humana; e terminada a luta, recolhia-se André ao dormitório e pegava no sono até à madrugada seguinte.

Deste modo, Coruja se une ou se tece as pessoas com quem ele poderia ter reciprocidade: com o Caixa d'óculos; com Teobaldo. Tudo dizendo que ele não suportava uma pedagogia imperialista em que a criança não tem nem vez, nem voto.

Os colegas, não maltratavam os menores, sem que Coruja se colocasse em sua defesa. Do mesmo modo, protegia dos maus-tratos dos colegas, os pequenos animais. Iniciativas que realizava espontaneamente, e foram observadas apenas pelo criado do colégio, que simpatizou com Coruja.

Entretanto, os próprios mestres participavam do vago respeito que ele impunha a todos. Apreciavam-lhe a precoce austeridade de costumes, seu admirável esforço pelo trabalho, sem simpatia por ele. Impressionavam-se de jamais se queixar dos colegas, tratando a todos com sobriedade de palavras e frieza de gestos. Nas aulas estava sempre com a lição na ponta da língua.

Com essa descrição o autor marca o menino Coruja como criança com personalidade, com princípios e integridade que não poderiam ser negados nem mesmo por aqueles que o detestavam e também eram prepotentes com ele. Um menino que tinha limites de ser por dentro, isto é, não se constrangia e nem se movia pelas exigências sociais postas desde fora.

Essa relação com o hortelão, com o Caixa d'Óculos destaca outra vez a sanidade psicológica de Coruja, sua disposição para relações humanas de reciprocidade, com pessoas que se punham em termos de cruzamento de desejo e de projeto de ser. Além disso, uma crítica a uma pedagogia imperial e a defesa de uma pedagogia republicana que estava se insinuando. Situemos que enquanto Aluisio de Azevedo escrevia "O Coruja", o Império estava em transição no Brasil, para a República, e por desdobração a necessidade de uma reforma educacional: de uma pedagogia imperialista e clerical para uma pedagogia republicana em que se reconhece o direito da criança, da mulher, e tudo que desdobrou das conquistas da Revolução Francesa. Nesse contexto, que Aluisio de Azevedo produzia, e que nosso pequeno André, o Coruja, desenvolve-se, num campo de forças contraditórias, onde em determinados espaços é expressamente submetido a uma pedagogia prepotente e autoritária e em outros, tem espaços de reciprocidade e mediação.

No colégio interno, durante as férias, Coruja via sempre fechada à biblioteca, que lhe despertava enorme curiosidade: rondava-a, pendurava-se a uma cadeira e espiava por cima da porta. Vinham-lhe ímpetos de arrombar a fechadura. Passava horas esquecidas sobre a cadeira, na pontinha dos pés, a olhar de longe para os livros, procurando distinguir e ler o que diziam eles nas letras de ouro que expunham nas lombadas. Adorava os livros velhos, em cuja leitura encontrasse dificuldades a vencer; gostava de cansar a inteligência na procura de explicação de qualquer ponto duvidoso ou de qualquer fosse sujeita a várias interpretações. Já desde a casa do padre semelhante tendência se havia declarado nele. O professor sempre se impacienta, quando tem de explicar qualquer coisa mais de uma vez; o livro não, o livro exige apenas a boa vontade de quem estuda, e no Coruja a boa vontade era justamente a qualidade mais perfeita e mais forte. (AZEVEDO, p. 33/34, O Coruja)

Essa qualidade de boa-vontade, esse desejo de conhecimento e saber, em que nenhuma situação se contrai em Coruja, qualidade que necessariamente fora adquirida

no interior de sua família, em que seu pai era procurador, e possivelmente o menino fora envolvido com livros, algo que ocorreu com Aluisio de Azevedo conforme está na sua bibliografia. (AZEVEDO, p.11, O Coruja) Coruja aprendeu a estudar com os livros, aprendeu o que os livros ensinavam. Isto está no desejo fundamental dele, e assim já chegou à casa do padre.

Contudo temos alguns problemas para a compreensão dessa situação de personalidade de Coruja com os elementos que Aluisio de Azevedo o coloca em cena. Primeiramente, havendo ido aos quatro anos para a casa do padre, ele não teria tido tempo real de se fazer o Coruja que aparece com a personalidade estruturada com limites por dentro e desejo de ser inconteste para as letras. Apesar dessa inconveniência praticada pelo autor, de não nos apresentar este primeiro momento da vida de André, além de faltar-lhe a compreensão psicológica de que apenas com quatro anos nenhuma pessoa já estaria com sua personalidade estruturada; não se têm como tirar os traços de personalidade do Coruja que ficam tão expressamente objetivados ao longo de todo o livro. Assim, vê-se que faltou por parte de Aluisio de Azevedo, a compreensão da estruturação da personalidade, onde a infância é decisiva, para a formação da personalidade – algo pacífico para todas as psicologias, incluindo a própria psicanálise freudiana; e expresso em “As Palavras” de Jean Paul Sartre.

Quando o autor o faz ser adotado aos quatro anos, ele tornou o personagem absurdo: de onde que ele havia tirado toda sua segurança de ser? Como constituiria o projeto e desejo de ser fundamental passando pela intelectualidade? Através das atitudes prepotentes na casa do padre, bem como depois no colégio interno, ele não encontrou contexto antropológico e muito menos sociológico para a constituição desse desejo de ser: tanto que se distingue a relação direta de Coruja com os livros, daquela através do padre ou dos professores do colégio interno, que ao invés de o aproximarem dos livros o afastavam. Assim, Coruja já teria uma aprendizagem e relação com os livros positiva para a sua personalidade, anterior ao padre, aos professores do colégio interno. Porém, tendo sido adotado aos quatro anos, não haveria tempo real para tanto. Resulta disso, que o autor passaria a idéia de ato e potência, ou seja, Coruja nascera potencialmente com o desejo de ser intelectual, com a potência de se encantar pelos livros, e o tipo de pedagogia não faria diferença para a sua formação.

Porém, fica difícil reconhecer Aluisio de Azevedo numa perspectiva e defesa do desenvolvimento de uma personalidade, com propensões inatas, potências que não dependeriam da mediação dos outros, propensões que seriam inabaláveis perante qualquer que fosse a pedagogia. O Aluisio de Azevedo em defesa da República, contra o Império e o clérigo, desapareceria! Pois, ao compreender uma personalidade com potencialidades inatas que em nada dependem do contexto sócio-histórico, das relações concretas, não haveria diferença qualquer em ser homem imperialista e homem republicano, entre uma educação clerical e uma educação republicana. Em consequência a defesa de uma pedagogia republicana moderna, fica insustentável. Isto porque se somos por meras provocações, já temos em potência definidos nosso ser, não depende da pedagogia a constituição da personalidade, ou da subjetividade.

Assim, a crítica tácita à pedagogia imperial deixa de fazer sentido: ser educado de uma maneira truculenta, ou ser educado através de um processo de mediação não faria diferença, para a constituição de nossa personalidade, de nossa subjetividade. Contudo, pela própria perspectiva de Aluisio de Azevedo, não estamos inclinados a compreender que era isso que ele tentou nos passar. Ao contrário disso, considerando sua preocupação com o contexto histórico-cultural, sua posição inconteste contra o clérigo e o imperialismo, ponderamos que talvez Aluisio desnudou Coruja de sua

história anterior a adoção do padre, justamente para liberá-lo de qualquer influência imperial, como que para “purificá-lo” ou “libertá-lo” de um contexto familiar com tintas imperiais; por exemplo, heranças que ele receberia vindo da família de um procurador e assim lhe garantiria uma situação social e financeira. Neste sentido, como estratégia para fazer saltar a pedagogia a qual o pequeno fora submetido com a adoção do padre, fazendo saltar o clima clerical da época e a personalidade totalmente irredutível e às avessas a essa pedagogia.

Por isso encontramos Coruja já se confrontando com toda a prepotência do padre, do diretor, dos colegas do colégio interno, e ao mesmo tempo o diretor surpreendendo-o no interesse pelos livros lhe atribuindo a tarefa de organizar e limpar a Biblioteca, tarefa a qual o menino se entregou arduamente, propondo-se a fazer um catálogo para a Biblioteca, missão que conclui antes de sair deste colégio. Assim, temos em Coruja um menino sociável, com limites por dentro; avesso a qualquer forma de prepotência: que jamais seria assim formado através da pedagogia imposta pelo padre ou pelo colégio.

O seu desejo intenso pelas letras aparece ainda mais quando retornando ao período de aulas, ele passava todos os dias feriados e todas as horas de recreio metido na biblioteca. Entre os novos alunos, veio Teobaldo Henrique de Albuquerque, menino de doze anos, muito bonito, elegante. Ele era filho único, criado num clima familiar harmonioso, e cheio de mimos e regalias: tudo que ele solicitava era concedido. Um episódio que envolvia Albuquerque, os colegas da escola, e Coruja em defesa de Teobaldo, os aproximou. André passou a realizar as atividades escolares de Teobaldo, e este partilhava todas as regalias que lhe eram proporcionadas na escola através de sua família. O presente que mais comovera André fora uma flauta, junto a um tratado de música.

Quando o Sr. Barão de Palmar viera buscar Teobaldo para casa por ocasião das férias, escutou a discussão entre o diretor e o padre sobre o destino de André neste período, sugeriu ao filho convidá-lo para passar este período em sua casa. Ao fazer o convite, o Barão deixou claro que não o fazia por caridade, mas pelo seu filho, e que o admirava pela escolha da amizade com o André. Na casa de Teobaldo, Coruja foi acolhido num clima familiar, bem colocada socialmente, com todas as comodidades permitidas àquela época: exceto a tia de Teobaldo que o tratava com alguma antipatia, de modo que ele progressivamente ficou a vontade como nunca esteve.

Tudo maravilhava Coruja. Seu coração puro e compassivo abria-se para receber amplamente aquela grande paz do campo tão simpática. Todo aquele aspecto tranqüilo das matas e das montanhas, tudo o fascinava secretamente, como se ele tivera nascido ali, entre aquelas coisas tão calmas, tão boas, tão comunicativas. (AZEVEDO, p. 59, O Coruja)

Ao descrever como Coruja entrou no clima familiar de Teobaldo, “como se ele tivera nascido ali”; Aluisio de Azevedo nos indica que o menino André de alguma maneira fora criado em clima familiar semelhante.

Na fazenda tinha prazer junto ao amigo em pescar, e ler, enquanto ao amigo interessava as caçadas. Também encontrava prazer em aprender o nome de cada árvore, sua serventia, o processo de cultura para tal ou qual plantação, entre outros, interessava-se pelos insetos, pela metamorfose que sofriam. No fim do primeiro mês das férias, Coruja sabia nadar, correr a cavalo, atirar ao alvo e, por tal forma havia-se familiarizado com a vegetação, com a terra viva, com o sol e com a chuva, que parecia não ter tido nunca outro meio que não fosse aquele.

Nessa parte com a amizade e a visita o autor deixa aparecer mais uma vez tacitamente o ambiente que o Coruja teria vivido em sua infância, onde a família de Teobaldo é intelectualizada, A atitude do Barão de Palmar se destaca como contraste a atitude do padre, e do colégio: Coruja é inserido como outro entre outros, e não como objeto de caridade. O Barão de Palmar o recebe como melhor amigo do filho, e assim se estabelece à relação de todos com André. André é inserido no contexto familiar, num clima de reciprocidade totalmente contrastante com o clima no qual é recebido no colégio. Estes elementos, acrescido aos anteriores já relacionados, indicam que embora Aluisio de Azevedo não tenha abordado o contexto familiar de Coruja, não seria outro distinto deste que encontrou na família de Teobaldo que ele encontrara em seu convívio familiar.

Fortalecidos em sua relação, no ano seguinte Coruja dedicara-se ao amigo Teobaldo ainda mais: tanto em defendê-lo dos demais, e exigir-lhes a mesma admiração, como em realizar as atividades escolares, que por diversas razões o mesmo não realizava. Enquanto ele as realizava com prazer.

Por esta época veio o falecimento do padre, que nada deixara a André, exceto a necessidade de pensar em seu futuro, seu passado. Ai também o autor destaca a caridade exterior pela adoção que o padre fez. Mas faltou os elementos sobre a situação econômica da família de Coruja. Era filho único de uma família abastada: onde foram parar os bens de sua família? O autor não tematiza, e fica uma brecha, uma lacuna.

A relação de Coruja com Teobaldo, e sua família, permanecia cada vez mais consolidada. Assim que terminaram os estudos no colégio interno, Coruja partiu para a corte com seu amigo Teobaldo: Coruja para encontrar um bom trabalho e um modo de se sustentar, e Teobaldo para continuar os seus estudos, apesar de permanecer indefinido quanto a como procederia nos estudos. Teobaldo providenciou que a casa fosse mobiliada com os melhores moveis, decorada com obras de arte, e envolveu-se em festas praticamente diárias, enquanto, Coruja arduamente procurava por um trabalho, e mantinha organizada a casa.

A partir deste momento o encaminhamento dos dois personagens faz-se em contraste: Coruja lutando por sua sobrevivência e Teobaldo no desfrute de seus bens. Contudo, em um ano grandes modificações se operaram na vida dos dois rapazes. Teobaldo concluíra os preparatórios e matriculara-se na Escola de Medicina, esperançoso de largá-la de mão logo que descobrisse melhor carreira; ao passo que o Coruja não conseguira passar em nenhum dos seus exames, se bem que estivesse deveras senhor nas matérias. Este acontecimento revoltara Teobaldo contra a maneira que o amigo fora examinado. De seu lado, Coruja, procurava desculpar os examinadores.

Enquanto Coruja se dedicava ao trabalho durante o dia em aulas particulares e a noite em escrever para um Jornal, Teobaldo se entregava as festas, e encontrava apenas no amigo Coruja freio para suas aventuras. A admiração de Teobaldo por Coruja, mesmo que silenciosa, permanecia constante e intacta, e o comprometimento do Coruja ao amigo Teobaldo, ao passar dos anos cada vez mais necessária, impondo-lhe inclusive sacrifícios à sua vida particular.

Através deste processo, objetiva-se como o que decide o destino das pessoas são as relações de reciprocidade na infância. Na família de Teobaldo que Coruja foi encontrar a verdadeira adoção; em Teobaldo um efetivo irmão. Isso abriu o espaço para a constituição do adulto, e por necessidade lógica, essa era a sua situação familiar. O autor não dá outros indicativos de que pudesse ser de outro modo, pela própria atitude

do autor. O outro entendimento de que Aluisio de Azevedo o teria concebido em potencia com aquela personalidade não encontra sustentação em nenhuma passagem no livro. Além disso, estamos no realismo, versão literária dos acontecimentos da realidade, diferente da versão romântica. E não podemos ignorar que Aluisio de Azevedo fora criticado por não ter os devaneios do romantismo próprios de José de Alencar.

A situação se agravou, quando, após o segundo ano na Corte, tiveram notícias da morte da mãe de Teobaldo, seguido da falência e posterior suicídio do pai do mesmo. Teobaldo precisava se sustentar, contudo, não mudava seu modo de viver. Enquanto, Coruja permanecia cada vez mais ardoroso em seu trabalho, sobretudo após, conseguir trabalho em um colégio de certa importância, que lhe dava bom ordenado, casa, comida e roupa lavada, com a condição de que ele, além do serviço de professor, fiscalizasse os rapazes à hora do recreio e fizesse a escrituração da casa. Além de tomar para si alguns discípulos nas horas vagas. O gosto pelo professorado começava a assumir as proporções de uma verdadeira paixão. Ensinava latim, francês, português, história e geografia do Brasil; tudo isso com muito método, muita paciência e sem nunca parecer fatigado.

Coruja passou ensinar Inez, por solicitação da mãe da mesma, e posteriormente também por intervenção da mãe da moça, passou a namorá-la, seguido do noivado. A mãe de Inez respeitava Coruja, e esperava com muito ardor o casamento. Coruja passou a freqüentar a casa de Inez não apenas como seu professor, mas também como seu noivo. Quanto ao casamento era sincero em lhes dizer que precisava fazer economias, e assim procedia com todo o dinheiro que recebia. Mas perante as desventuras de Teobaldo, envolvendo-se com dívidas, jogos e mulheres, sem qualquer trabalho, e mantendo o mesmo estilo de vida, Coruja muitas vezes retirava dinheiro de suas economias para socorrê-lo, adiando, constantemente a data do enlace.

Coruja, levou Teobaldo para sua casa, e providenciava soluções para todo e qualquer ordem de problema que o amigo encontrava: de conflitos amorosos, com os quais se envolvia constantemente, aos seus problemas financeiros que não eram menos frequentes. Dna. Margarida indignava-se com o constante adiamento do casamento, a ponto de desfazer o noivado, e entregar a mão de sua filha para outro pretendente.

Teobaldo se apaixonou por uma garota de uma família nobre, pretendente de um amigo. Encantou-o muito também as promessas de retorno a uma vida confortável que já não dispunha pela falência de seu pai, e também não conseguia conquistar pelo extravio no qual levava sua vida. Assim, disputou-a, conquistou-a, embora a contragosto do pai da moça, veio a se casar com ela. Esse casamento custou à morte do pai da noiva, e a inimizade contundente de seu rival, que prometia vingança.

Teobaldo reconquistou a situação social, remobiliou a casa, levou o Coruja a morar na casa, visto que esse passava por dificuldades financeiras provocadas pelo próprio Teobaldo com sua vida no extravio. Realizava festas e encontros sociais freqüentes, dos quais Coruja não participava, e nem mesmo o amigo fazia esforço para que ele estivesse presente, pois em nada se assemelhava aos seus convidados.

Coruja assumira a escola em que trabalhava como professor, por ocasião do falecimento do diretor, mas com isso adquiriu uma dívida que o colocou ainda em mais dificuldades financeiras, pois empenhou todas as forças em manter o colégio.

Muitos infortúnios advieram provocados pelas atitudes de Teobaldo, ou por seu rival, que fez vir à tona para todos os casos que ele tivera. Com isso, Teobaldo ganhou o desprezo da esposa que o amava. E como desfecho veio à morte de Teobaldo.

Coruja acompanhou o enterro de longe. Depois de assistir toda a solenidade lotada, e todos se irem embora, aproximou-se, e chorou muito, até que um fundo cansaço se apoderou dele voluptuosamente. Lembrou-se de que já se fazia tarde e naquele dia, distraído com a morte do amigo, descuidara-se da gente que tinha à sua conta: "Onde diabo iria, àquelas horas, arranjar dinheiro para dar de comer ao seu povo"? (AZEVEDO, p. 363, O Coruja) Havia, pois, assumido a responsabilidade de cuidar de Inez e sua mãe, após a viuvez da primeira.

Nesse contraste na vida adulta de Coruja e de Teobaldo e em conseqüências de Teobaldo, o autor mais uma vez faz contraste com o sistema de vida imperial em que tudo é dado por laços de berço e um sistema republicano onde o homem é posto na responsabilidade de suas ações, de sua vida profissional e pessoal. Coruja é ao fundo o protótipo do homem que deveria surgir prestes a se instalar no Brasil em 1899, enquanto que Teobaldo protagoniza o homem resultado das tradições imperiais. Talvez para marcar esse contraste, que o autor não fez referência ao espólio do Coruja que passou ao padre, para deixá-lo mais despojado das condições dada pela tradição, mas não havia necessidade disso, uma vez que, de qualquer modo, ele seria expropriado pelo padre. Coruja seria um homem posto como sujeito de seu futuro e destino, e Teobaldo, que não obstante a mediação de Coruja, não venceu a dependência da família. O romance é todo esse o resultado de uma pedagogia imperialista e uma pedagogia republicana. Anotação importante para objetivar que o Coruja não era um menino problema, mas o problema era a pedagogia daquela época.

De certo modo, o Coruja é um pouco o Aluisio de Azevedo em sua pele. Os impasses do Coruja com o clero em outro contexto foram vividos pelo Aluisio de Azevedo, ou seja, o Aluisio de Azevedo se diz no personagem do Coruja.

Aluisio, diferentemente, da grande maioria dos escritores, não tinha um emprego público que lhe desse sustentação financeira, vivendo exclusivamente da literatura. Isso fazia com que o escritor vivesse uma existência pobre materialmente. Valentim Magalhães, crítico literário, amigo do escritor e proprietário do periódico A Semana, assim se referiu a Aluisio: "é no Brasil talvez o único escritor que ganha o pão exclusivamente à custa da sua pena, mas note-se que apenas ganha o pão: as letras no Brasil ainda não dão para a manteiga". (FANINI, 2003, p.2)

No fundo de toda obra literária tem sempre uma visão de mundo que transparece a visão do autor, o modo do autor.

O escritor chegava a se travestir de trabalhador pobre, morador dos cortiços, de casas de pensão e freqüentador de botequins fora do circuito aristocrático e burguês, no intuito de esquadrihar a vida, os costumes, a linguagem, a visão de mundo e as relações de trabalho das classes pobres. Aluisio Azevedo foi um dos primeiros escritores a se voltar para o elemento popular pobre e trabalhador, destacando-o como personagem importante na fabulação, dando-lhe voz própria e construindo-o de modo complexo. (FANINI, 2003, p.3)

Bibliografia

AZEVEDO, Aluisio. O Coruja. Disponível em

<http://www.biblio.com.br/defaultz.asp?link=http://www.biblio.com.br/conteudo/Aluizio/Azevedo/ocoruja.htm>

FANINI, Ângela Maria Rubel. Os romances-folhetins de Aluísio Azevedo: aventuras periféricas aventuras periféricas. Florianópolis: Tese apresentada para obtenção do título de Doutor – UFSC, 2003. Disponível em

[http://www.dacex.ct.utfpr.edu.br/site_angela/Arquivos/Producao/A_assimilacao_estetica do universo do trabalho na obra de Aluisio Azevedo.pdf](http://www.dacex.ct.utfpr.edu.br/site_angela/Arquivos/Producao/A_assimilacao_estetica_do_universo_do_trabalho_na_obra_de_Aluisio_Azevedo.pdf)

Subsídios de Aula de Formação e Grupos de Aprofundamento no Núcleo Castor – Estudos Atividades e Existencialismo.